

[TT00053]

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

Gilvan de, Brito

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

"RAFAMEIA" OU "BOI-DE-FOGO"

TEXTO PARA TEATRO

AUTOR

GILVAN DE BRITO

SBAT - 16.826

ESTE TEXTO RECEBEU AS SEGUINTEs DISTINÇÕES:

NACIONAL: Prêmio publicação do serviço nacional de teatro (SNT) 1979

Incluído ente os dez melhores textos (Leitura pública) do I concurso nacional de dramaturgia do distrito federal.

REGIONAL: II Lugar no 2º concurso de textos teatrais da paraíba(1978) promovido pela secretaria de educação e cultura/MEC/ FUNAR TE.

LIVROS: 1º edição - editora A União, 420 p. (Antologia Teatro Paraibano, Hoje)

Publicação do prelo, pelo SNT - Prêmio de 1979.(2º edição)

Publicação em 3º Edição, pelo Banco de peças da Universidade Federal da Paraíba, para junho do corrente ano.

OBJETIVO: Dentro de uma visão político-religioso-profano, propomos a criação de um ambiente comico-satírico e surrealista, num trabalho que procura enfatizar os elementos característicos da formação social, destacando as peculiaridades da região, do grupo étnico, da formação cultural, das necessidades e do gênero de vida, dando uma feição própria do povo, na sua ingenuidade e na sua sabedoria.

O auto, calcado em motivos populares e com figuras extraídas de grupos folclóricos, procura ressaltar os contornos de uma existência fantasiosa num determinado ambiente onde as exigências são reais, reunindo nesse sincretismo os desejos e as frustrações do povo, do ponto de vista social, histórico, político, religioso e estético.

É o populório, o folclore universal, destacando a sua marca regional, do Nordeste, da Paraíba.

PERSONAGENS: O Boi - extraído do auto popular Bumba-Meu-Boi, é constituído de uma armação de madeira, coberta de couro ou tecido que o imite. Tem incrustações de espelhos, contas, missangas, material metálico-reluzente, e fitas, bordados, além de outros objetos que possam tornar a carcaça bastante decorada e festiva.

O Índio - do folclore paraibano [Índios Tabajaras] e perntmbucano [Caboclinhos], tem uma tanga colorida, blusão amarelo coberto de bordados e contas, cocar utilizando penas de pavão, de 60 centímetros com o reforço de papelão e braçadeiras de penas nos punhos e tornozelos. Às vezes usa máscara e carranca.

Mateira - do Bumba-Meu-Boi, usa melão alvi-rubro, de listas horizontais, até o alto das coxas. Saiote, de fitas e missangas e um soutien colorido e incrustado de contas e missangas. Na cabeça chapéu redondo, alto e comprido, incrustado de espelhos, contas, cores diversas verticais e pintura no rosto.

Mateus - do Bumba-Meu-Boi, é místico, e usa roupa de vaqueiro: Gibão de couro curtido, colete e perneiras, ainda de couro. Botas, luvas e chapéu em vermelho-pardo do couro curtido, sem cintilação, como a armadura de um guerreiro sem vitórias. Às vezes usa chapéu igual ao de Mateira, e máscaras e carrancas, tendo ainda a responsabilidade de vestir o "morto-que-carrega-o-vivo".

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Pai Exú - da Umbanda, imita a figura do diabo, com roupas em vermelho e preto, rabo e chifres. Um tridente na mão, rosto preto.

Libertina - do Pastoril ou Lapinha, usa meias azuis, alpercatas, verticalmente. Uma coroa dourada ou prateada na cabeça e forte pintura no rosto. Duas longas tranças. Às vezes usa máscara ou veste a Cabeça-Que-Anda. Na mão direita, um maracá.

Saloia - da Nau Catarineta, ou Barca, veste roupa de marinheiro, nas cores branco e azul. Tênis branco, forte pintura no rosto, uma espada prateada à cinta e bibico de marinheiro, na cabeça. Às vezes usa outros tipos de chapéu.

COMPORTAMENTO: O Boi vive num mundo fantasioso, procurando gratificar-se mediante realizações imaginosas contra os desejos frustrados [ser burguês]. Procura disfarçar as fraquezas realçando características desejáveis, tentando compensar suas frustrações numa área pela excessiva premiação em outras. Depois, reincorpora os valores e padrões próprios, identificando-se com as pessoas de seu meio, tentando provar que o seu comportamento é racional, em busca do bem estar de todos [como chefe], mas é repudiado pelos que o vêm acima da faixa que originou a existência de todos [povo].

EVIDENCIA: Os demais, de início, se identificam com o Boi, porque todos se colocam no mesmo nível [povo], mas ao sentirem que o amigo incorporou valores externos [poder], descarregam os sentimentos reprimidos, de ira e revanchismo, contra as injustiças sociais [promovidas pelos chefes], sem enxergarem ou alcançarem a lucidez do amigo que, de benfeitor, passa a ser visto como culpado pelas desigualdades, recebendo a carga repressiva daqueles que não puderam extravasar seu ódio contra o verdadeiro causador de seus problemas [Seu, que é respeitado pelo mal que pode causar ao povo].

INTERPRETAÇÃO - No contexto, fica a interpretação de que o povo ressentido de conhecimentos para a prática democrática, porque desconhece os seus direitos se não luta por eles, por total ignorância. Mostra que o único caminho para se chegar ao regime ideal e através da elevação da cultura do povo, condenando ainda a cultura superficial, adquirida na leitura de atualização diária, que em nada contribui para que a massa, saia de um regime de escravidão - negra branca e indígena - formada pelos africanos, degradados e os

nativos, sob o jugo de conquistadores ambiciosos, possa formar uma opinião correta sobre os valores do homem. Prevalece a força imposta pela burguesia herdada da elite que dominou a terra desde o colonialismo.

CENÁRIO: Uma barca, presépio de Lapinha decorado, plantas tropicais, faixas e bandeiras coloridas, fitas, carcaça de boi, sela, arreios, painéis lembrando ruas tortuosas e antigas, sobrados e ajuntamento do povo; e santos da umbanda. Máscaras e carrancas.

Ato 1

O Boi entra em cena, seguido de cinco personagens, que dançam a sua volta. Inicialmente o bailado não obedece a nenhuma coreografia própria, e todos dançam à vontade, em ritmo dinâmico, ao som de rabeca, banjo, violão, matraca, sanfona, zabumba, reco - reco e atabaque. Depois se organizam e iniciam a dança do Bumba - Meu -Boi, e os personagens batem palmas e sapateiam (na forma do Baiano, do Bumba), durante os intervalos das poesias ou das cantorias, virando-se ora para a direita, ora para a esquerda, ao sétimo toque em forma de refrão de batuque, do sapateado e do palmeado, uníssono (ta,tá,tá - tá,tá - tá,tá). Em outras oportunidades marcham, no momento em que a bandinha resolve quebrar o ritmo e ensaiar um tom marcial - em fila indiana. Os versos serão adaptados à melodia ou vice-versa, aumentando ou diminuindo uma ou outra, para se ajustarem. Os personagens dançam, na maioria das vezes, em torno do Boi, figura principal do auto, zombando de si e dos outros, aflorando protestos, inconformismo, rebeldia e, paradoxalmente, satisfação e alegria, na sua poesia simples, de cordel, em sextilha, em decimas, glosas, quadrão, gemedeira ou até aboios, numa representação viva do comportamento festivo do povo do interior. Durante a dança, o Boi investe contra seus amigos, e todos se divertem com a brincadeira.

Refrão:

BOI CHAMA O TEU REIZADO

SOLTEI O LAÇO PRÓ BOI DANÇAR PALMEADO

Bis

Refrão:

DUAS VEZES POR SEMANA ESSE BOI PARECE INCHADO

ELE QUER ENGANAR O DONO PRA ESCAPAR DO GUISADO

Refrão:

MATEIRA É MULHER DO MATO, NUNCA DORMIU NA CAMA

GOSTA DE PIRARUCU, INDA SE PASSA POR DAMA

Refrão:

AS TOLICES DE MATEIRA, NÃO TEM HOMEM QUE EVITE

É BURRA QUE SÓ JUMENTA E NÃO CONHECE O LIMITE

Refrão:

PÉ DE CAPIM É DA TRIBO E SE JULGA UM LETRADO

ESTUDOU COM MATEIRA, INDA DIZ QUE É ADIANTADO

Refrão:

LIBERTINA PASSA FOME MAS NÃO VENDE BACALHAU

PREFERE VIVER FININHA SÓ BEBENDO UM BOM MINGAU

Refrão:

MATEUS É UM BEBARRÃO, FAZ PAREDE DE URUBU

TODA VEZ QUE ELE BEBE FICA DOIDO PRÁ

Refrão:

SALOIA VIVE NO PAU E DIZ QUE ISSO É CORAGEM
SÓ FAZ DESCACAR BATATA, NÃO VEJO NISSO VANTAGEM

Refrão:

PAI EXÛ SÓ QUER SER SANTO E PENSA QUE É DIREITO
NUNCA OLHOU PRÓ SEU RABO E VIU QUE TINHA DEFEITO

Refrão:

EXÛ NÃO VENHA COM PRESSA, SEGURE LOGO SEU BOTE
CUIDADO COM OS SEUS CHIFRES QUE EU ESTOU COM SERROTE

Refrão:

BOI CUIDADO COM A FACA
LEVANTA DAÍ E CORRE
SE TEU DONO TE OLHAR
EM UMA HORA TU MORRE

Depois da dança agitada e das investidas, dos sapateados e dos palmeados intervalos dos versos, todos parecem cansados, e o Boi cai, ofegante. Todos vão ao Boi, ainda merecedor das atenções, e lhe dirigem elogios.

MATEIRA

- Boi, você é o maior. Que seria da gente, sem você?

BOI

- (Agradecido, levanta uma pata, ainda cansado) Nada, é muita bondade sua.

MATEIRA

- É verdade. Boi (Aproxima-se, toca-lhe os chifres) A gente gosta muito de você.

BOI

- Nada. (Lisonjeado) Sou apenas o mais pesado, e se não fosse pelo rabo e pelos chifres eu seria igual a vocês.

LIBERTINA

- Você é pesado, sim. (Frustrada) Isso significa alguma coisa. E eu, que nem peso tenho?

PAI EXÚ

- Num é pesada, mas guenta peso (Irônico)

TODOS

- (Riem com a piada)

PAI EXÚ

- Pior sou eu, que ando por aí, de rabo, fedendo a enxofre ...

SALOIA

- (Piedosa) Você é um predestinado. Tá aqui cumprindo uma missão ,nessa terra. E eu? E eu?

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

(aponta para si, e fala triste) E eu, que vivo numa barca, prá cima e prá baixo

PÉ DE CAPIM

- (Toma e frente de todos, com indisfarçável má educação e grita em voz de quem ainda não dominou a língua-mãe) Todo mundo recramano, todo mundo recramano. Ninguém conhece a vida de índio.

BOI

- É, dizem que não é boa, não. Mas, isso é na tribo, né?

PÉ DE CAPIM

- É nada, é nada. (Irritado) É intodo canto. Vocês nunca ouviu dizê: "Isso é vida de índio?", pois bem. É quando a mata num tá prá passarinho. (Grita) E nunca tá.

MATEUS

- (Com ares de mediador) Taí, vocês todos reclamando da vida, e o Boi, aí, tranquilo, calmo, festivo, cheio de vida, brincalhão, amigo ...

SALOIA

- (Satisfeita) Sorte da gente, que tem Boi. Sinão, essa vida daqui num ia prestá, não.

PAI EXÚ

- E num é mesmo? Se não fosse o Boi, que seria da gente?

LIBERTINA

- (Grita) Esse Boi é o maior

MATEIRA

- Viva o Boi. (Invoca o grito dos amigos)

TODOS

- (Gritam, Viva)

BOI

- Prá vocês verem, vida boa é a do vizinho, né?

MATEUS

- (Admirado) Porque, Boi? Por acaso não és feliz?

BOI

- Pois bem, eu tenho os meus problemas e as minhas frustrações...

MATEIRA

- Quem é quinum tem, Boi? (tenta consolar o Boi)

MATEUS

- Qual é o teu problema, Boi?

MATEIRA

- Diz, Boi, prá ver se a gente pode ajudar

LIBERTINA

- Não vem dizer que é uma vaca, porque não vai dar, não (Irônica) Diz, diz

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

PAI EXÚ

- Tô pronto prá ajudar. Pode contar comigo. Boi ...

TODOS

- (Admiram-se e indagam) Se for uma vaca?

PAI EXÚ

- Não, não. Não falei que ajudava nesse ponto, não ...

SALOIA

- Deixa de besteira. Boi, diz prá gente?

As luzes de apagam, sobra apenas uma, vermelha, que acompanha o grupo. Os personagens se encaminham para os cabides, e cada um troca seu chapéu por um cocar. Depois iniciam uma dança indígena, ao som de atabaques, na forma dos Índios Africanos (Folclore da Pb) e Caboclinhos (Folclore Pé), com movimentos lentos e cautelosos, observando em todas as direções. Depois, com a aceleração do ritmo, os personagens voltam a posição normal e iniciam uma dança vigorosa, com movimentos rápidos, acompanhado a percussão (Bum, Bum - reco, reco), com avanços e recuos, em duas filas, como se houvesse um xis. O Índio Pé de Capim para, enquanto os de mais dançam. Ele olha para cima, protegendo os olhos com a mão aberta, como se visse o sol forte. Depois, cada um vai aderindo aos movimentos de Pé de Capim, enquanto a música vai diminuindo o ritmo, até parar, quando todos param.

PÉ DE CAPIM

- Atenção... vocês sabem ler? (grita)

LIBERTINA

- Eu sei Tupi

MATEUS

- Eu sei Gaurani

O BOI

- Eu sei Inglês

LIBERTINA

- Vocês gostam do Português?

PÉ DE CAPIM

- Eu sou mais o Francês

MATEIRA

- (Admirada, volta-se para o Índio) Porque?

PÉ DE CAPIM

- Porque não mata os índios. Porque não toma nossas terras Porque não nos exploram

LIBERTINA

- La vem o Português (Grita)

TODOS

- (Correm, sem destino certo, se encaminham até certo ponto do palco e apanham arcos e

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

flexas. De posse das armas, saem para enfrentar os invasores. Ouve-se tiros, e a medida em que os disparos vão se sucedendo, cai um dos personagens, exceto Pé de Capim, que permanece de pé, tentando dialogar com os invasores.

PÉ DE CAPIM

- (Aflito) Eu não sou Tabajara, eu sou mestiço. Meu pai era do lado de vocês, minha mãe é que era índia. (Ouve-se novo disparo) Não

façam isso, eu sou meio irmão de vocês, (disparo) Não me matem, porque eu sou o único elo que resta da raça nativa (Disparo) Vocês não se deram por satisfeito? Mataram todos? (Disparo) Fiquem com tudo, levem o amarelo, do ouro; o verde, das esmeraldas. Mas deixem o azul, do Céu. Só é isso, que eu quero. (Disparo, atinge Pé de Capim, que vai caindo aos poucos, agoniza lentamente e fica inerte durante alguns segundos. Os atabaques começam a tocar, seu corpo volta a se movimentar e começa a voltar a posição normal, com lentidão. O ritmo acelera e ele começa a dançar ao redor dos companheiros mortos. Vai até um local do palco, apanha um pau (tocha), enche a boca de querosene e molha o algodão da ponta do pau, no líquido inflamável, e, ainda dançando, vai soprando o líquido da boca sobre a tocha que foi acesa antes, atirando bolas de fogo ao ar, sobre os mortos, que vão se levantando e dançando, até que todos ficam de pé. A dança continua, quase frenética, e todos caem, sob a luz ténue, vermelha. Depois de 1 minuto, acende-se as luzes, os personagens repõem os cocares no local e recolocam seus chapéus na cabeça, se voltam para o Boi, e retomam a conversa anterior).

MATEUS

- Como é. Boi? Vai dizer ou não vai, qual o teu problema?

LIBERTINA

- Diz, Boi. A gente quer resolver

PÉ DE CAPIM

- A gente tem que resolver isso, agora

BOI

- Como é bom a gente sentir-se entre amigos, saber que alguém se interessa pelos nossos problemas. Eu tou muito feliz, ao lado de vocês, meus amigos, (satisfeito)

PÉ DE CAPIM

- Nós tamos aqui prá tiajudar. Diz qualé o teu probrema, diz?(preocupado)

BOI

- Não dá, não (ainda feliz)

SALOIA

- Mas, diz, assim mesmo. Pelo menos a gente tenta (apela)

LIBERTINA

- Eu tava brincando, se for a vaca, mesmo, a gente pode ver ...

PÉ DE CAPIM

- Tú? (admirado)

MATEUS

- Diz, boi. Diz? (abre os braços em direção do boi)

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

BOI

- Bem, já que vocês insistem tanto, não vejo mal

MATEIRA

- Sim, diz

BOI

- Eu queria ser rico. Isso não é fácil, né?

MATEUS

- Rico? Você? (bastante admirado)

PÉ DE CAPIM

- Um boi rico? (Também admira-se)

LIBERTINA

- Um boi burguês? (Coloca a mão nos quadris, irônica)

SALOIA

- Porque tu pensa em ser rico? (Também mostrando-se admirada)

MATEIRA

- Prá que tu quer dinheiro, boi? (adianta-se, com uma mão na cintura e outra apontando para o boi)

BOI

- Quero ser rico prá ser virtuoso, prá ter as coisas que dão alegria a gente, prá viajar, prá comprar um carro, uma geladeira, um fogão à gás.

MATEIRA

- Tú num disse quiera feliz aqui cum a gente? (mostrando uma frustração incontida)

SALOIA

-Oxente, boi? Tu, aqui, tirando onda de comunista, defendendo agente da opressão, falando nas dificuldades dos operários, na exploração dos camponeses, em reforma agrária ...

PÉ DE CAPIM

- Contra as reservas indígenas na amazônia, a catequese dos índios, pela preservação da cultura tribal ...

LIBERTINA

- À favor das greves, pelos movimentos em defesa da volta ao estado de direito, do habeas-corpus e das garantias individuais ...

MATEUS

- E eu pensei que ele ia ficar contra o consumo e a Burguesia ...

LIBERTINA

- E eu imaginava que ele ia ficar contra o consumo de carne verde, em defesa do movimento vegetariano? (Irônica)

MATEUS

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- É, não dá para entender, não, boi. (Perplexo)

BOI

- É, parece que eu sou contraditório, mesmo. Mas, na verdade, não sou, não. (Vai até uma tina de madeira, bebe água)

LIBERTINA

- Como não é? Pregando ideias socialistas e defendendo para si a glória da burguesia?

BOI

- Vocês desconhecem a História, e não sabem que Marx foi um respeitável burguês, filho de advogado que lhe proporcionou excelente

educação universitária, na Alemanha; que Lenine era neto de médicos e também recebeu cultura superior financiada; que Stalin era filho de artesão no tempo em que o artesanato era considerado parte da pequena burguesia; Mão Tse Tung era filho de abastado fazendeiro e que Chou En Lai dispôs de recurso para estudar em Paris. Todos defenderam o proletariado, os camponeses e os trabalhadores, mas sempre foram burgueses ...

SALOIA

- Boi? (espantada) Como é que você sabe de tudo isso, sem ter estudado, sem saber assinar, pelo menos, seu nome ...

MATEIRA

- Sem ter cursado nenhuma escola e ...

MATEUS

- Um fenômeno? (curioso, aproxima-se)

PÉ DE CAPIM

- Um boi gênio? Ou um gênio boi? (Também aproxima-se)

LIBERTINA

- Isso se explica, boi?

BOI

- Eu bebo as informações e a cultura de todas as gerações ...

PÉ DE CAPIM

- Cumé isso?

MATEIRA

- Bebe? (arregala os olhos)

BOI

- Sim, bebo. Eu coloco um livro dentro da tina, onde bebo água e vou recebendo as informações a medida em que vou sorvendo o líquido. É uma associação simbiótica pelo processo de alquimia moderna que dilui o conteúdo da matéria e distribui, posteriormente, pelos canais que levam ao cérebro

MATEIRA

- Esse boi

LIBERTINA

- Você sabe de tudo que se passou no mundo?

BOI

- Não. Só sei aquilo que preciso saber, se tiver um livro

MATEUS

- Se Seuê descobrir que o Boi sabe das coisas, não vai prestar, não ...

MATEIRA

- Mas, ninguém vai dizer, não. Seuê num pode saber disso, nunca ele num quer intelectuá no meio do povo, não

MATEUS

- Pessoal. (Grita chamando todos para perto de si) O que presenciamos neste momento, vai ficar entre nós. Todos vão jurar que guar

darão o segredo, porque se Seuê souber pelo menos em sonho, que o Boi sabe das coisas, vai mandar o pobrezinho para o matadouro

LIBERTINA

- Vocês querem que o Boi seja sacrificado, torturado e...

SALOIA

- Vocês querem se ver livre do Boi? (todos respondem que não)Então, vamos jurar, neste momento, que daqui não sairá nenhuma informação sobre o que se passou há poucos momentos

MATEUS

- Vamos jurar, vamos (reúne todos no centro, manda que cada um coloque a mão esquerda no peito e a direita, estirada para a frente,

uma sobre a outra dos demais - exceto o Boi - em círculo) Eu juro (os demais o imitam, repetindo) que não denunciarei o Boi, nem comentarei o que se passou aqui, com qualquer pessoa, mesmo que se já forçado ou torturado para dar a informação.

BOI

- Vocês tão com medo de que? De Seuê?

MATEUS

- Você pode ser considerado perigoso por Seuê, e nós não queremos isso, porque gostamos de você e queremos a sua presença aqui, para nos alegrar. Viva o Boi (todos dão viva, repetidas vezes)

LIBERTINA

- Esse Boi é meu? (Não - gritam os demais) Esse Boi é seu? (Não - insistem todos) Esse Boi é nosso? (É - respondem de uma só vez)

BOI

- (Começa a correr, em círculos, a princípio vagarosamente, depois aumentando, gradualmente, o passo. Os demais correm logo atrás, e o boi se volta para um ou para outro, investindo como se atacasse enfurecido, mas desistindo logo ao se aproximar dos seus

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

amigos) As luzes se apagam, exceto um foco azul, que segue os personagens, até o cabide onde eles apanham um enorme maracá (de Lapinha ou pastoril) com azul e vermelha, pingentes. Se concentram no centro do palco, em fila dupla, e cantam, dando um passo à frente e outro atrás, com a perna direita, permanecendo com a perna esquerda no local, auxiliando apenas no balanço do corpo para a movimentação. Enquanto isso, cantam músicas de Lapinha.

VAMOS AO CAMPO

PASTORAS BELAS

COLHER AS FLORES

E OFERTAR CAPELAS (Bis)

OLHA O ANANÁS

OLHA O ABACAXÍ

OLHA O LIMÃO DOCE

OLHA O SAPOTÍ (Refrão)

VAMOS AO CAMPO

COM ALEGRIA

COLHER AS FLORES

E OFERTAR A MARIA (Refrão)

VAMOS AO CAMPO

VAM'OUTRA VEZ

COLHER AS FLORES

E OFERTAR AO REI.... (Refrão)

DÁ-ME TUA MÃO

PARA ELA EU LER (bis)

VERDADES BEM PURAS

VERDADES BEM PURAS

VERDADES BEM PURAS

IREI TE DIZER (Bis)

Os homens para, balançam o maraca, tirando som sem interrupção com a direita para cima, agitando, enquanto as mulheres continuam dançando, agora cantando sozinhas.

SOU CIGANA DO EGITO

VIM DE LONGE A BELÉM

PARA VER SE É NASCIDO

JESUS PARA O NOSSO BEM

LELÊ, LELÊ VITÓRIA

CANTEMOS AGORA

LIBERTINA

- (Adianta-se aos demais, dirigindo-se a Mateus) Herodes, nasceu o Salvador. (Grita)

MATEUS

- O Salvador? Onde?

LIBERTINA

- Em Belém, do Pará

MATEUS

- (Chama Pé de Capim) Centurião, (grita) venha cá urgente

PÉ DE CAPIM

- (Curva-se, em reverência) Pronto, meu Senhor

MATEUS

- Nasceu o Salvador. Matem todas as crianças que encontrar

PÉ DE CAPIM

- Suas ordens serão cumpridas

MATEUS

- Um momento (Pé de Capim para, quando saia agitado) Só recém nascidos

LIBERTINA

- Ele é piedoso, viram?

SALOIA

- (Corre até Pé de Capim, abraça-se com este) Meu filho, não. Meu filho, não. Tenha piedade (suplica, de joelhos) Poupem meu filho

MATEIRA

- Não matem meu filho. Não, isso não (Agarra-se as pernas de Pé de Capim) Poupem meu neném

PÉ DE CAPIM

- (Solemente) Todos serão mortos. A ordem é do Senhor

MATEIRA

- (Corre para Saloia, abraça-se com esta, chora, convulsivamente) Porque vão fazer isso, porque?

SALOIA

- Não é possível, não pode ser (Desespera-se, aos gritos)

TÔ PRESA

TÔ PRESA

NESTAS DURAS CORRENTES

EU ME SINTO PRESA

PASTORA E INOCENTE

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

EU ME SINTO PRESA

PASTORA E INOCENTE

SE JESUS SOUBESSE

QUE EU ESTAVA NA PRISÃO

MANDAVA UM ANJO

TIRAR-ME OS LAÇOS DA MÃO (Bis)

Os personagens voltam a dançar, ao som de música de lapinha, cantando ou repetindo, todos os versos anteriores, desse auto.

PÉ DE CAPIM

- (Quê havia saído, volta, com ar triunfal, dirigindo-se a Mateus) Herodes, missão cumprida (Dobra-se em reverência ao chefe)

MATEUS

- Mataram todas as crianças recém nascidas? (Alegre)

PÉ DE CAPIM

- Não foi preciso. Senhor

MATEUS

- Como? (Admira-se) Porque não foi preciso?

PÉ DE CAPIM

- Todas haviam morrido, de fome

MATEUS

- Ótimo, ótimo. E o Salvador? Acharam-no (Satisfeito)

PÉ DE CAPIM

- (Abate-se) Era o único que estava vivo, senhor

MATEUS

- Quem era ele, quem? (Irrita-se, fica apoplético)

PÉ DE CAPIM

- Era o seu filho. Senhor

MATEUS

- Mataram-no?

PÉ DE CAPIM

- Missão cumprida. Senhor

MATEUS

- Ótimo, ótimo. (Satisfeito, sai, dá uma volta em torno de Pé de Capim) Bom serviço, Centurião As luzes se apagam, durante cinco segundos, enquanto o foco, agora vermelho, incide sobre a plateia, neste interím.

Os personagens recolocam os maracás no cabide, e retornam ao centro, onde o Boi começa a dançar, satisfeito, juntamente com os

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

amigos.

VEM MEU CAVALEIRO
TRAZ O CAVALO MARINHO
BOTA A SELA, ACOCHA A SELA
PRÁ DANÇAR MANSINHO (bis)
Ô DONA DACASA
LIMPE O SEU TERREIRO
MEU BOI JÁ VAI ENTRAR
PARA DANÇAR MANEIRO (bis)
VEM MEU BOI BONITO
VEM DANÇAR AGORA
JÁ DEU MEIA NOITE
JÁ ROMPEU A AURORA (bis)
CAVALO MARINHO
CHEGA MAIS PRÁ GUENTE
FAZ UMA MESURA
PRÁ TODA ESSA GENTE (bis)

BOI

- (Cansa, se deita e é cercado pelos demais)

LIBERTINA

- Tá tudo calmo, né?

SALOIA

- Nunca mais Seué deu o ar de sua graça, por aqui, né?

BOI

- E vocês tão achando ruim?

MATEUS

- Eu acho é bom. Quando ele vem com coisa prá gente, sempre é prá dar trabalho e diminuir mais os nossos direitos

PÉ DE CAPIM

- Eu nunca mais ouvi a fala dele

LIBERTINA

- (Irritada) Pronto, um masoquista

MATEUS

- Eu tô sentindo alguma coisa no ar. Essa calmaria toda, não é normal, não

SALOIA

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- É, eu acho que Seué tá aprontando alguma coisa prá gente, viu?

PÉ DE CAPIM

- Num vá ser verdade?

BOI

- Quando tá calmo, assim, é sinal de que vem coisa, por aí

VOZ

- E atenção, porque dentro de alguns instantes vai falar o Senhor do Grande Poder

BOI

- Olháí? (Aponta para cima) Não disse?

VOZ

- (Soa de algum ponto não identificado, em tom solene e grave, carregada de austeridade) E atenção, porque o Senhor do Grande Poder vai proclamar as suas honradas intenções. Peço o respeito e a atenção do povo de Ladainha para as ordens do Senhor do Grande Poder

MATEUS

- Seué vai falar pessoal

BOI

- Vamos ouvir o que Seué vai dizer dessa vez, gente (Corre para onde se encontra Mateus)

LIBERTINA

- Tomara que Seué tenha coisa boa, prá gente (Também se aproxima dos demais)

SALOIA

- Não acredito em coisa boa. Nunca mais saiu nada que prestasse das bandas de Seué

PÉ DE CAPIM

- Qui será, gente? Qui será? (preocupado)

VOZ

- (Depois que todos se postam diante do palco, a espera das palavras de Seué, ouve-se novamente a mesma voz grave) E atenção povo de Ladainha, porque vai falar neste momento o Senhor do Grande Poder. Todos de joelhos, submissos e atentos as suas palavras

SEUÉ

- (Uma voz, nasal e irritante, soando de forma gritante e tonitroante, anuncia) Meus cidadãos, considerando que o povo, na sua rudeza,

não sabe discernir os nomes daqueles que são capazes de gerir os seus destinos; considerando que o povo não sabe escolher os melhores por falta de maiores conhecimentos e de cultura; considerando que o povo precisa de dirigentes competentes, audazes, submissos e honestos; considerando que o povo precisa de chefes que mereçam a confiança do Senhor do Grande Poder; considerando que

o povo livre e independente de Ladainha necessita de uma autoridade local para organizar sua vida social, política, econômica e cultural decide: Nomear o Boi de Ladainha como o chefe dessa comunidade.

O Senhor do Grande Poder, ao investir esse meritório filho dessa cidade na chefia do Poder local, o faz com a esperança de que a confiança seja retribuída, sob pena de serem tomadas as providências contra aqueles que não cumprem os preceitos dos nossos Atos.

VOZ

- O Senhor do Grande Poder decreta ainda que o próximo domingo será transferido para a segunda feira, e que o dia deverá ser bonito ,

ensolarado e sem chuvas, para que o Boi possa empossar-se num ambiente festivo, com a presença do povo ordeiro e disciplinado deLadainha. Todas as disposições em contrário estão revogadas.

LIBERTINA

- Viva o Boi. Tô cum Boi até a gata miar.

PÉ DE CAPIM

- O Boi é o nosso chefe.

MATEIRA

- O Boi é o maior.

MATEUS

- Precisamos de um chefe para sonhar os sonhos do povo.

SALOIA

- Precisamos de um chefe para sentir as dores do povo.

LIBERTINA

- Esse chefe é o Boi. Viva o Boi (todos gritam: viva)

MATEUS

- Ele ainda vai botar o dedo no destino do mundo

SALOIA

- Aonde? O dedo aonde?

MATEUS

- No destino do mundo (da ênfase)

SALOIA

- Sim, o dedo no mundo, entendi outra coisa (irônica)

MATEIRA

- Ele vai ser a mão do destino

PÉ DE CAPIM

- Eu sempre acreditei nesse Boi

MATEIRA

- Ele vai ser o policial do mundo

MATEUS

- (vira-se para Meteira, aborrecido) Já tá dizendo merda, né?)

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

SALOIA

- Ele vai fortalecer a nossa moeda.

LIBERTINA

- ... E arranjar emprego prá todo mundo.

PÉ DE CAPIM

- A gente agradece ao Senhor do Grande Poder ...

MATEIRA

- ... por dar o Boi prá gente, como chefe

MATEUS

- Um produto do nosso meio

PÉ DE CAPIM

- Viva Seué (todos gritam: viva)

LIBERTINA

- Com a palavra, o Boi, nosso chefe

BOI

- A palavra é festa. Vamos comemorar. Viva Seué

TODOS

- Viva

SALOIA

- Ihhh (Todos olham) Me esqueci de sorrir e bater palmas quando Seué terminou de falar. E agora? (Leva as mãos ao rosto) as luzes se apagam, com exceção de um foco amarelo, que acompanha os personagens até o cabide onde trocam seus chapéus por um gorro demarinheiro, empunhando as espadas. Voltam a se postam, em fila dupla, no centro do palco, iniciando o bailado da Nau Catarineta, ao som da bandinha, batendo com as espadas, uma na outra e no chão, ao ritmo.

TRULÉU, LEU, LEU

TROLÉU DA MARIETA

QUE NOS SAMO MARINHEIRO

DESSA NAU CATARINETA (bis)

A VIDA DO MARINHEIRO, Ô IMPÁ

É UMA VIDA DE LABOR

QUANDO PENSA QUE DESCANSA, Ô IMPA

É QUANDO CHEGA O VAPOR

Ô IMPÁ, Ô IMPÁ

ONDE AS ONDAS DO MAR VÃO QUEBRAR (bis)

Refrão: Truléu da Merieta

SENTADO LÁ NO MAR LARGO, Ô IMPÁ

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

UM BARCO AZUL NAVEGAVA
SEGUIA SEM LEME E VELA, Ô IMPÁ
A FOME E A SEDE MATAVA
Ô IMPÁ, Ô IMPÁ
ONDE AS ONDAS DO MAR VÃO QUEBRAR

Refrão: Truléu de Mariéta

QUANDO O MAR BALANÇA A BARCA
EU TENHO RECORDAÇÃO (bis)
DO MEU BEM QUE TÁ EM TERRA
CHAVE DO MEU CORAÇÃO

Refrão: Truléu de Mariéta

A VIDA DO MARINHEIRO
É UMA VIDA DE LABOR (bis)
QUANDO PENSA QUE DESCANSA
É QUANDO CHEGA O VAPOR

Refrão: Truléu de Mariéta

VIVA A NAU CATARINETA
COM TODA TRIPULAÇÃO (bis)
CANTEMOS TODOS: VITÓRIA
VITÓRIA MEU CAPITÃO

Refrão: Truléu de Mariéta

SENTADO LÁ NO MAR LARGO
UM POBRE BARCO NAVEGAVA (Bis)
SEGUIA SEM LEME E VELA
E A FOME E A SEDE MATAVA

Refrão: Truléu de Mariéta

Saloia adianta-se, aos demais, iluminada agora pelo foco azul, enquanto o foco amarelo permanece sobre o grupo.

SALOIA

- Eu não suporto mais a fome. Preciso comer. Tenho que comer. Meu estômago está pedindo comida. Cadê o Capitão Generá? (Grita) Preciso comer, quero comer, tô cum fome.

MATEUS

- Capitão Generá? (Grita) Capitão Generã?

BOI

- (Chega apressado) Falaram comigo?

MATEUS

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Esse barco tá há 60 dias no mar, sem ração para os marujos, sem água doce, sem nada pra gente se divertir. Só o senhor tem direito a tudo, porque?

BOI

- Porque eu sou o chefe, o senhor, o Capitão Generá

MATEUS

- Pois bem, seu Capitão Generá, nós vamos tomar a decisão de comer um dos tripulantes desta Nau, incluindo o senhor.

BOI

- Isso é um motim, vou punir todo mundo, com a pena de morte

MATEUS

- Como é que o senhor vai punir a tripulação? Através da própria tripulação?

BOI

- Eu tenho armas

MATEUS

- Tinha. Todas estão em nosso poder (Grita) Saloia, venha cá

SALOIA

- Pronto Imediato

MATEUS

- Vamos bater as Sete Sortes pra ver quem vai ser comido

LIBERTINA

- (Adianta-se) Vamos

TODOS

- (Estiram a mão para a frente, cada um com determinado número de dados da mão direita, para fora. Uns mais, outros menos. De repente, todos olham fixamente no Boi, que recua, temeroso)

MATEUS

- O Bater das Sete Sortes apontou o senhor. Capitão Generá. O senhor vai ser comido, pra gente aguentar até o fim da viagem (encaminha-se para o Boi, que recua)

BOI

- Me dê só uma oportunidade. Vou mandar subir o Gageiro até o mastro para ver se avista terra

MATEUS

- Concordo

BOI

- Gageiro? (Grita) Gageiro?

PÉ DE CAPIM

- Pronto, Capitão Generá

BOI

- Suba no mastro para ver se avista terra, e salvar minha vida

PÉ DE CAPIM

- Sim, senhor Capitão Generá

BOI

- (Da uma volta, no palco, seguido dos demais personagens, até que se ouve o grito do Gageiro)

PÉ DE CAPIM

- Terra à vista. Terra à vista

BOI

- Viva. O gageiro salvou minha vida. Venha cá, Gageiro. Vou lhe dar o meu capote, o meu cavalo russo, minhas três filhas donzelas e uma garrafa de vinho do Porto, por ter salvo a minha vida

PÉ DE CAPIM

- Meu Capitão Generá, não quero nada disso. Quero somente a minha liberdade

BOI

- Liberdade? Você acha que eu vou dar o mau exemplo para os outros, daqui? Liberdade, não.

TODOS

- Cantam, batendo com as espadas

TRULÉU LEU LEU

TRULÉU LEU LEU

QUE NOS SOMOS MARINHEIRO (bis)

DESSA NAU CATARINETA

Refrão: Truléu da Mariéta

AS ÁGUAS DE PLATINA

QUE VIEMOS FESTEJAR (bis)

SALTAMOS NA LINHA DIREITA

ESTÁ NA REGRA DO MILITAR (bis)

Refrão: Truléu da Mariéta

QUE FAZ O MARUJO EM TERRA

ESTÁ NA HORA DE EMBARCAR (bis)

A LANCHA JÁ ESTÁ NO PORTO

E A MARÉ ESTÁ PREAMAR (bis)

Refrão: Truléu da Mariéta

AVISTEI O FAROL NA BARRA

ESTAMOS PERTO DE LISBOA (bis)

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

REMA A BARCA MARINHEIRO

ARREIA O FERRO LÁ NA PROA (bis)

Refrão: Truléu da Mariéta

QUANDO O MAR BALANÇA A BARCA

EU TENHO RECORDAÇÃO

DO MEU BEM QUE TÁ EM TERRA

CHAVE DO MEU CORAÇÃO

Refrão: Truléu da Mariéta

VIVA A NAU CATARINETA

COM TODA A TRIPULAÇÃO (bis)

DAMOS BARVOS DE VITÓRIA

VITÓRIA MEU CAPITÃO (bis)

Refrão: Truléu da Mariéta

ESTÁ PRESO O COMANDANTE

ESTÁ LIBERTA A SALOIA (bis)

OS SOLDADOS DESTRAÇADOS

JÁ SE VÃO COMENDO ATOA (bis)

As luzes voltam a se apagar, enquanto o foco amarelo permanece durante trinta segundos, sobre o público, tempo em que os personagens trocam o chapéu de marinheiro, pelos seus. Depois, todos se concentram no meio do retomando o assunto anterior.

LIBERTINA

- Agora temos um chefe, nosso

SALOIA

- Gente da nossa gente

TODOS

- (Cercam o Boi)

MATEUS

- E agora. Boi? Coméquevai ser?

PÉ DE CAPIM

- Vai arranjar emprego prá gente?

MATEIRA

- Eu tenho um crediário atrasado

LIBERTINA

- Minha cama só tem três pernas

MATEUS

- Tô devendo três meses de casa

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

SALOIA

- Pior sou eu. Não tenho TV

BOI

- Bem, meus amigos. Agora que eu sou o chefe daqui, vamos primeiro cuidar da festa da posse. Depois a gente vê o resto das coisas

MATEIRA

- Mas, Boi? Só porque agora é o chefe, já tá querendo dar ordens? E os seus amigos?

MATEUS

- Você tem que ver, primeiro, os problemas dos seus amigos

LIBERTINA

- Governo é prá isso mesmo

PÉ DE CAPIM

- Prá resolver os problemas dos amigos

MATEUS

- Você mesmo disse que queria ser burguês, que queria ser rico para ser virtuoso?

MATEIRA

- É, os seus amigos também têm o direito de querer as coisas

BOI

- Meus amigos. Antes queria ser burguês, porque não estava investido em chefia nenhuma. E sabia muito bem que nunca poderia chegar a burguês, porque pobre tem que se conformar com o que é. Pelo menos tem sido assim, até hoje

MATEUS

- Sim (Se interessa, assim como os demais)

BOI

- Agora, é diferente. Eu estou no Poder, e quero fazer não só por mim, mas principalmente por todo o povo, que vive nessa situação que a gente conhece

LIBERTINA

- Mas, Boi? Primeiro você resolve as coisas da gente, e depois vê isso

SALOIA

- É, Boi

PÉ DE CAPIM

- Veja que a gente já sofreu muito, e agora precisa tirar uma casquinha. Governo é prá isso mesmo

BOI

- Vocês se engantm comigo, meu povo. Eu quero libertar todos vocês dessa servidão humana, daqui. Quero dar melhores dias a todos

MATEUS

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Quando é isso. Boi? (Revoltado)

BOI

- Inicialmente preciso da colaboração de vocês todos. Quero a opinião de todos sobre o futuro Governo

MATEIRA

- Eu sou igual a bicho do mato, não posso dar opinião nenhuma porque eu nunca estudei. Num sei nem assinar o nome, recebo minha pensão pregando o dedo no papel

SALOIA

- Nessa vida pelo mar, eu também nunca aprendi nada, a não ser atirar tarrafa, estirar rede de arrasta e remar

PÉ DE CAPIM

- Eu, sim. Depois que cheguei da minha tribo, não abri um livro, aqui

MATEUS

- Ele fala como se tivesse aberto algum livro, na tribo dele (Ironiza)

BOI

- Pois, é isso mesmo, meus amigos. Temos que colocar um ponto final nessa situação. O povo precisa se educar, precisa aumentar o seu nível de vida, precisa adquirir conhecimentos, para mudar. Eu vou assumir a liderança para mudar

LIBERTINA

- Mudar, como? Ninguém sabe nada? (desolada)

BOI

- Mudar, começando de cima. Vamos mudar aqui para dar um exemplo ao resto, mudando desde o sistema até o modo de vida

SALOIA

- Vamos mudar, vamos. Vamos começar mudando o próprio Boi, arranjando um nome prá ele

PÉ DE CAPIM

- Tem que ser um nome cum sobrenome estrangeiro, prá dar respeito do povo

MATEUS

- Bota Carlos Alberto da Silva

LIBERTINA

- Não dá. Tem que botar nome de família (Volta-se para o Boi) Cumé mesmo o nome de tua família?

BOI

- Boi Zebú. Eu ainda tenho sangue de estrangeiro, sabe?

SALOIA

- Eu acho qui deve ser Mané, o nome dele. Ele é daqui, da gente, bota Mané?

MATEUS

- É, Manezim. Tá bom?

LIBERTINA

- Boi Tungá tá bom, gente?

TODOS

- Tá. É Boi Tungá, o nome dele

As luzes se apagam, dois focos incidem sobre duas filas onde se colocam os personagens, que dançam agora o coco-de-roda, sem saírem do lugar, com as duas mãos para trás. Depois os focos se fundem à medida em que as duas filas se aproximam e dão lugar a uma roda. Ao centro, Mateus começa a dançar sozinho, ao som frenético do zabumba, dando umbigadas no ar. Depois dirige-se a Saloia, dá umas voltas, investe nas umbigadas, volta-se sobre os calcanhares, e a cada vez que se dirige, dá um grito - uiiií -num convite. Saloia entra, novo foco, agora vermelho, acompanhando o ritmo. Sucessivamente, cada um vai tirando o outro para dançar, enquanto mudam as cores do foco, ate chegar a vez do Boi.

Serena no mar, serena no mar

Do Boi eu só quero o couro

Serena no mar, serena no mar

Não é para outra coisa, não

Serena no mar, serena no mar

É prá fazer um zabumba

Serena no mar, serena no mar

Prá desta de apartação

Serena no mar, serena no mar

Prá Saloia eu vou dar

Serena no mar, serena no mar

Uma tesoura amolada

Serena no mar, serena no mar

Daquela que corta grama

Serena no mar, serena no mar

Prá deixar ela pelada

Serena no mar, serena no mar

Pai Exú que é zombeteiro

Serena no mar, serena no mar

Eu vou dar um maçarico

Serena no mar, serena no mar

Prá quando ele faltar fogo

Serena no mar, serena no mar

Ele acender um bico

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

Serena no mar, serena no mar
Prá Seué que é nosso pai
Serena no mar, serena no mar
E o dono da cidade
Serena no mar, serena no mar
Eu vou fazer uma prece
Serena no mar, serena no mar
Prá nos dar a liberdade
Serena no mar, serena no mar
E mateira que é da terra
Serena no mar, serena no mar
Eu vou plantar num buraco
Serena no mar, serena no mar
Prá ela engrossar as pernas
Serena no mar, serena no mar
E deixar de ser um saco
Serena no mar, serena no mar
Libertina é liberdade
Serena no mar, serena no mar
Coisa que Seué não gosta
Serena no mar, serena no mar
É bom não mexer com isso
Serena no mar, serena no mar
Se não vai feder a bosta
Serena no mar, serena no mar
O Mateus que é muito sonso
Serena no mar, serena no mar
Aqui só anda de manto
Serena no mar, serena no mar
É prá enganar a gente
Serena no mar, serena no mar
E Seué chamar de santo
Serena no mar, serena no mar
Donde vem esse amarelo
Serena no mar, serena no mar

Do portão do cemitério

Serena no mar, serena no mar

Ele acaba de escapar

Serena no mar, serena no mar

BOI

- Bem, minha gente. Já que estamos falando em mudar, é bom que todos bebam da minha água todo o tempo, para que possam discutir em alto nível os assuntos tratados. Não deixem de beber só por um instante

PÉ DE CAPIM

- Peraí, Boi. É bom que só um beba a água

BOI

- Porque, Pé? (Admirado)

PÉ DE CAPIM

- Porque é preciso que cada um de a sua opinião, sem influência intelectual

MATEUS

- Explique-se? (Exige)

PÉ DE CAPIM

- Eu acho que só se pode chegar a uma média, ouvindo todas as classes. Não só os ilustres e os letrados podem falar, porques eles não são a maioria. Devemos ouvir a opinião de cada um da gente para se chegar a uma conclusão lógica

BOI

- Discordo, Pé de Capim. Quem já se viu pedir opinião do povo? Povo é lixo. Precisamos, então, mudar essa mentalidade, dando vez ao povo. A massa não sabe nem quais são seus direitos.

LIBERTINA

- Não, é um contrasenso o que você diz?

BOI

- Não, quero dizer que é preciso que alguém ou alguns orientem o povo, para que ele ajude a mudar

SALOIA

- Então, Boi, diga cumé quia gente faz, prá mudar isso

BOI

- Assim: vamos beber da minha água, para vocês adquirirem conhecimentos. Assim a gente discute em alto nível, tudo que se relacio

na com a implantação da nova experiência de Governo. (Se encaminha até a tina, coloca uns livros dentro, bebe e manda os companheiros beberem, oferecendo-lhes um copo)

MATEUS

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Vamos ver, quem fala primeiro

LIBERTINA

- Fala você? (Aponta para Mateus)

MATEUS

- Não. É melhor falar o Boi. (Coloca as mãos para a frente como se barrasse uma pessoa)

BOI

- Não. Não, eu falarei por último, depois de ouvir todos vocês e sentir a importância de cada sugestão

MATEIRA

- Certo, ele é o chefe. (Ironiza)

MATEUS

- Bem, o Boi queria ser burguês, mas eu não concordaria com essa idéia. O burguês foi e é o responsável pela crise espiritual do mundo moderno.

BOI

- Explique-se. (Todos se admiram)

MATEUS

- O burguês é excessivamente consciente de sua dignidade e da justa causa dos seus interesses. Sempre se mostra como um tipo no

nesto e que possui o dom de altas qualidades morais. Pois bem, por trás dessa máscara com a qual se identificou o orgulho, a hipocrisia, a insensibilidade e outros defeitos, está a sombra dos efeitos perniciosos que existem no inconsciente coletivo, explicando a crise espiritual que domina o mundo cheio de tensões e de protestos.

BOI

- E o que sugere você?

MATEUS

- Nos países fortes, de regime fechado, não existe a burguesia. De baixo do totalitarismo existe uma maior disciplina e uma maior moralidade, onde todos trabalhara conscientemente pelo bem do Estado e de si próprios, sem aflorar esses recalques herdados do povo contra os burgueses, privilegiados.

SALOIA

- Não, Mateus. Que é isso? Comunismo, não. (Irrita-se)

BOI

- (Acalmando os ânimos) Um momento, todos. Agora, as opiniões, depois a discussão. Entra um flautista desfilando entre os presentes, tocando uma música clássica.

LIBERTINA

- Eu prefiro me situar entre os dois, optando pela sugestão de um socialismo moderno.

BOI

- Como é esse socialismo moderno? (Interessado, como os demais)

LIBERTINA

- Se nos países fortes e totalitários existe uma maior disciplina e maior moralidade, mesmo porque todos são fiscalizados; se nos países abertos existe uma moralidade relativa e maior circulação de idéias, é claro que precisamos chegar ao centro da questão para se extrair a ideia objetiva.

PÉ DE CAPIM

- Esse Socialismo moderno, como é?

LIBERTINA

- A Iugoslávia hoje vive um momento de grande excitação, à procura de uma via nacional para o socialismo, e as perspectivas criadas até o momento são otimistas.

MATEUS

- Quais seriam essas perspectivas?

LIBERTINA

- Um Conselho Administrativo que há alguns anos vem ajudando na tarefa de dirigir a nação, amparado na estrutura federal.

MATEIRA

- Não é ortodoxo, o socialismo praticado lá?

LIBERTINA

- Não. A Iugoslávia procurou um caminho a partir da formação de um movimento de países não alinhados entre as potências, que permitiu a nação afastar-se da União Soviética sem aproximar-se dos Estados Unidos, mas mantendo boas relações com ambos, principalmente comerciais.

MATEUS

- E a circulação de pessoas e de idéias?

LIBERTINA

- Bem, embora não se possa falar na existência de uma sociedade de consumo, há uma maior oferta de serviços e bens de consumo em nível de competição. Há três indústrias automobilísticas de origem ocidental produzindo automóveis de todos os tipos; existe lojas sortidas com bebidas e alimentos finos ocidentais; existe livre circulação de pessoas, dispensando o passaporte interno e o visto para estrangeiros; existe um turismo fluente e a liberdade para cidadãos irem a qualquer país, em férias.

MATEIRA

- Tem tudo isso, mas tenho certeza de que não há circulação de idéias.

LIBERTINA

- A livre circulação de idéias é duvidosa, porque ela ainda não existe em nenhum país socialista, mas existe uma enorme expectativa do povo quando ao desaparecimento do velho marechal, quando o desenlace permitirá a Iugoslávia tomar o seu rumo, principalmente porque existe lá uma oposição organizada, que embora não seja sistemática, critica e fala, nos jornais, o que não ocorre noutros países comunistas.

PÉ DE CAPIM

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Também não tem eleições, livres, para que o povo possa escolher sem pressões os seus dirigentes? Entra no palco Mateus, que sairá para apanhar uma viola e um banquinho, seguido apenas por um foco azul, enquanto outro foco vermelho se dirige para o grupo, e receita, enquanto dedilha na viola, este poema, de Pompílio Diniz: "Dia de Inleição"

DIA DE INLEIÇÃO

Autor: Pompílio Diniz

Amigos práns nossas banda

Quando é tempo de inleição

Os candidato é quem manda

Da cumida e condução

E nos qui vamu votá

Come inté arripuná

Carne de poico e pirão

Só existe dois partido

O Governo e a oposição

Oxôto furo abolidu

Qui o cabra queira ou quinão

Tem que escoiê um dos dois

Prá mode vota dispois

No dia da inleição

Eu num falo de ninguém

Num quero ataca o nome

Mermo nós vamos é prá festa

Tira a barriga da fome

Dispois votá prú votá

Do voto qui a gente dá

Só se apruveita o qui come

Foi puiresso qui o Vicente

Nessa última inleição

Comeu qui ficou doente

Carne de poico e pirão

Sarapaté e xoriço

E dispois cum sacrificio

Foi votá na oposição

Mais quando chego a hora

Do pobre home votá

Deu vontade de ir lá fora
Um poquim se aliviá
Mais o tá do presidente
Começou chama: Vicente
E mandou Vicente entrá
E disse prá ele: assine
Seu nome como subé
Dispois entre na cabine
Vote lá em quem quize
Num convém afobamento
Num se demore lá dentro
Qui ozôto tomem quê
AÍ Vicente assinô
O que tinha de assina
E se acabano de dó
Sem podê mais nem fala
Mostra o títu, se previne
Entro dento da cabine
E demoro a votá
Já fazia meia hora
Toca Vicente lá dento
Toca Vicente custa
E o povo de cá de fora
Dano-se prá recramá
E o presidente da mesa
Manda o povo se calá
Diz um fazeno xacóta
Seu fiscá esse home vóta
Ô num vota, diz o ôto
Vamu simbora, a urna
E só pra Vicente
O diabo do presidente
Num bota o home prá fora
E o presidente da mesa
Temeno vê uma revorta

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

Lavantô-se lá da mesa

E foi bate lá na porta

Da cabine de Vicente

Dispois dumas três batidas

Uma voz grossa e isprimida

respondeu: TEM GENTE

As luzes se apagam, o foco azul se dirige para o público, enquanto os personagens retomam sua posição anterior, na discussão dos temas políticos.

LIBERTINA

- Agora é a vez de Saloia. Vamos lá.

SALOIA

- Eu quero sugerir um regime que não seja totalmente liberal para não permitir a anarquia que conhecemos noutra época e a falta de

moralidade das massas; e não seja totalitário ao ponto de impedir a circulação de idéias. Um regime que fique fora da influência da competição dos blocos que dividem o mundo em imperialismo e comunismo e que tenha um Governo forte para defender os interesses do povo, porque atualmente o povo não tem discernimento para a escolha e poderá ser levado pelos demagogos.

BOI

- Mas, que regime é esse?

SALOIA

- É o parlamentarismo, onde o povo escolhe apenas a base, e essa base forma o topo da piramide. A base é a elite do povo, que formaa media que indica os dirigentes, num nível mais elevado para a escolha. De qualquer forma, o povo participa.

PÉ DE CAPIM

- Terminou? Terminou? Agora é a minha vez.

BOI

- Diga, Morubixaba. (Gozando o companheiro)

PÉ DE CAPIM

- Eu proponho um regime tribal, onde o chefe seja o mais forte, o mais destemido, que seja imbatível no campo da luta, inteligente e capaz de orientar o povo para a caça e a pesca, que saiba se defender dos brancos ...

BOI

- (Como os demais, admirado) Qual foi o livro que deram para ele beber?

MATEUS

Foi do Cacique Juruna. (Todos riem)

BOI

- Ah, sim. Muito obrigado, pela sugestão. Vamos ao próximo.

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

PÉ DE CAPIM

- Não terminei, ainda. Quero um povo que adore o Sol, senhor supremo; e a Lua ,senhora das noites; as matas e os rios, as estrelas e os animais sagrados ...

BOI

- Muito bem, muito bem. (Aborrecido) Já está anotado, vamos ao próximo.

MATEIRA

- Agora sou eu. Não vou filosofar muito sobre a minha sugestão. Proponho a formação de um Conselho de Estado, como forma capaz de resolver o problema do povo e da nação.

MATEUS

- Como é isso?

MATEIRA

- O Conselho de Estado será formado pelas personalidades mais representativas da nação, escolhidas pelo voto direto.

BOI

- Troque em miúdos

MATEIRA

- É simples: o povo elege o presidente, o vice-presidente que passam a fazer parte do Conselho, que será completado pelos presidentes do Senado e do Supremo Tribunal Federal. Estes quatro membros, com mandato para oito anos, escolheriam ainda seis outros nomes, entre pessoas de notória competência, como membros permanentes, com mandato até a compulsória de 75 anos. O presidente

do Conselho poderia errar, mas não seria pela falta de orientação e discussão dos assuntos.

BOI

- Pronto?

MATEIRA

- Pronto. Não disse que era logo? Numero de Ballet, silencioso, paralelamente a cena.

BOI

- Vou começar discordando da criação de um regime forte, sugerido por Mateus. Os regimes repressivos impedem os debates abertos sobre os temas nacionais, levando os jovens ao estudo teórico dos problemas, alimenta uma elite que usufrui das benesses do Governo e mantém o povo trabalhando como uma maquina para alimentar os dirigentes e impulsionar o País que não é dele, e sim, da elite.

LIBERTINA

- Nisso aí, tá incluída a resposta a minha sugestão pelo Socialismo Moderno?

BOI

- Sim, porque é importante que a riqueza nacional seja redistribuída com aqueles que trabalham, para fomentar um melhor nível de vida, melhores padrões de cultura e saúde e uma prática política.

PÉ DE CAPIM

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- E a minha sugestão?

BOI

- Por um erro técnico, sua sugestão não pode ser levada em conta.

PÉ DE CAPIM

- Isso é ditadura. (Irrita-se, dá duas voltas, batendo os pés com força, no chão, em sinal de protesto) Isso é ditadura.

BOI

- Continuando, vamos abordar a sugestão da Mateira, quanto a formação de um Conselho de Estado. Ora, se condenávamos a implantação de um Estado totalitário, não vamos concordar com um Estado autoritário, perspectiva que também se aplica ao parlamentarismo, de Saloia. Do primeiro o povo tem o poder de escolha, mas perde o Poder; de outro, o povo perde o poder da escolha e se distancia do Poder.

MATEIRA

- Afinal, Boi, diga então o que é que você quer. (Aborrecida) Não devia pedir sugestões, se você é quem sabe tudo, quem julga tudo. Afinal, você está se comportando contra o próprio Poder.

BOI

- Era isso, amigos, que eu queria ouvir de vocês. Era isso, porque eu vou dar a minha sugestão, e dela quero ouvir todas as críticas e contestações, para aprovar, pelo voto da maioria, aquela que se apresentar mais viável. A que ganhar eu ponho em prática.

MATEUS

- Então vamos. Boi, diga a sua sugestão. Vamos, lá? (exige)

LIBERTINA

- Agora é o Boi, Vai lá. Boi.

BOI

- Eu proponho uma Democracia. (Todos se admiram)

MATEUS

- Como uma Democracia? Uma Democracia Relativa? Uma Democracia com responsabilidade? Ou uma Democracia nacional?

SALOIA

- Eu pensava que esse Boi ia apresentar alguma coisa nova. (Frustrada) Vem logo com uma Democracia.

PÉ DE CAPIM

- Eu num tô dizendo. (Dá um murro no ar, desacreditando na sugestão do Boi)

MATEIRA

- Mas, uma Democracia é a presa mais fácil para o comunismo, que você discordou há pouco. Como é que sugere um regime tão vulnerável?

BOI

- Comunismo existe em toda a parte e é muito difícil deixar-se de conviver com ele. Na Itália,
Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Mussoline liquidou até o último comunista, e hoje naquele País brotou a semente do maior partido comunista do Ocidente. Portugal também experimentou um exemplo: depois de quase um centenário de ditadura o País quase foi tomado de assalto pelos comunistas. Não devemos temer o comunismo, e sim, conviver com ele para derrotá-lo.

LIBERTINA

- E a subversão, não alcança maior facilidade de se instalar num regime aberto, como a Democracia?

BOI

- A humanidade vai corrigindo as injustiças sociais que pratica, e coisas consideradas subversivas antes, hoje não são mais. Me digam? É subversão reivindicar seus direitos, não aceitar a exploração, violências, péssimas condições de vida?

MATEUS

- Quer dizer que a subversão deve existir?

BOI

- Quer queira, quer não. É uma coexistência pacífica, no regime democrático. É preciso que se conheça o que é legal e ilegal, dentro do texto da Lei. Doutrinas, ideologias e teorias não podem ser classificadas de subversivas, porque existem e jamais poderão ser abolidas ou extintas pela força. Movimentos contra a Lei é que podem ser enquadrados na própria lei, segundo os preceitos de mocráticos.

LIBERTINA

- Tem razão, a subversão pode ser aplicada pelo próprio Governo, quando ele emprega de forma criminosa o dinheiro do povo.

MATEUS

- Mas, Boi? Sabemos que a condição primeira para a concretização de uma sociedade democrática é a liberdade.

BOI

- Sim, existe alguma coisa mais agradável do que viver-se livre de imposições, livre para determinar suas próprias ações e conduzir o seu nariz para onde quiser?

MATEUS

- Sim, mas a História tem deconstruído que as sociedades efetivamente democráticas tem se preocupado com os que querem destruí-la fazendo uso, das próprias garantias que as comunidades livres conferem aos cidadãos?

BOI

- É um risco que toda a sociedade livre deve correr, cujos padrões éticos permitem que se desenvolvam no seu próprio ventre os monstros que ameaçam destruí-la.

LIBERTINA

- Como defenderemos essa liberdade. Boi?

BOI

- A força do sistema reside exatamente no fato de que o poder pode ser criticado, partindo de seus próprios princípios. Os erros aparecem com as críticas.

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

MATEIRA

- Quais os bens que defenderemos na Democracia?

PÉ DE CAPIM

- Contra quem defenderemos a Democracia?

SALOIA

- Quais os meios de que dispomos para defender a Democracia?

BOI

- Bem, um de cada vez.

MATEIRA

- Então, responda a cada uma das perguntas.

BOI

- Os bens são moral e políticos: moral porque se constitui numa exigência a liberdade do indivíduo e político porque é um recurso vital participar do Poder com o Governo; a defesa será contra aqueles que dela se aproveitam, tanto o terror como o Governo; e os meios de que dispomos são as leis, dentro de uma estrita observância.

MATEUS

- E como vamos fazer uma Democracia numa terra onde 85 dos assalariados urbanos estão na faixa entre 1 e 2 salários-mínimos, e que alcança 95 por cento aqueles que se elevam até os cinco salários-mínimos?

LIBERTINA

- Está claro que a esmagadora maioria vive numa completa miséria, a isso se reflete em vários planos de vida, como na cultura, na política e até na saúde.

MATEIRA

- Quer dizer que toda a renda está concentrada nas mãos de 5 por cento? Então já vivemos num regime de elites, como condenou há pouco o Boi.

BOI

- É pior. É o regime da Tecnocracia, muito pior do que os dois extremos, juntos.

PÉ DE CAPIM

- Mas, os problemas não ficam somente nisso: cinquenta por cento do nosso povo são doentes, segundo as estatísticas; na educação se fomenta a atração pelo diploma, quando deveriam induzir o aluno à profissionalização que garante o emprego e a mão-de-obra especializada tão carente no momento.

BOI

- Caso vocês aprovam o sistema democrático, penso fazer uma série de reformas que permitirão a abertura do caminho para o desenvolvimento de nosso meio, do nível de vida e dos padrões de saúde e cultura.

LIBERTINA

- Quais seriam essas reformas?

BOI

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

- Uma completa reforma nos rumos de nossa economia; reforma do sistema educacional; reforma da mentalidade da burocracia; reforma judiciaria; Reforma na assistência social e sobretudo uma reforma agrária, base de todo o programa que pretendo implantar.

MATEUS

-Qual o programa para o campo?

BOI

- Para o campo, mais terra aos pobres; financiamento a baixos juros sem as garantias absurdas atuais; técnicas aperfeiçoadas de cultivo com orientação gratuitas; controle da natalidade de forma objetiva; sistema de mutirão para a construção de casas capazes de oferecerem conforto e o mínimo de higiene.

LIBERTINA

- E o pragmatismo do Governo?

BOI

- O meu Governo deverá guiar-se pela imaginação e não por fórmulas, para atingir especialmente o homem e promover o seu desenvolvimento; dirigir-se pelo bom senso, e não por paixões políticas; disciplina e o cumprimento das leis e a capacidade de criar condições de adaptar-se as mudanças, recessões, inflação e alteração nas rotas comerciais, quando o mundo exigir.

MATEUS

- Esse é o homem

LIBERTINA

- Viva o Boi. (todos gritam: viva)

MATEIRA

- Ladainha tava mesmo precisando desse Boi.

PÉ DE CAPIM

- Ele reconheceu as limitações do Poder. Ele não vai ser um ditador .

Viva o Boi. (Todos gritam: viva)

SALOIA

- Vamos governar com o Boi. Viva a liberdade, viva a Democracia (Todos gritam: viva) Com todas as luzes acesas, os personagens começam a dançar, obedecendo a coreografia própria do Bumba-meu-Boi. Depois de dois minutos de dança, sapateado, palmeado (baiano) e das investidas do Boi contra os amigos, todos param, demonstrando certa preocupação.

MATEIRA

- Que é que está havendo cum a gente? (espantada)

SALOIA

- Sei não, sei não. Não consegui tirar nenhum verso.

LIBERTINA

- Eu também notei. Não consegui fazer nenhum verso.

MATEUS

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Nunca aconteceu isso comigo. Parece que eu tenho uma coisa na cabeça me atrapalhando?

PÉ DE CAPIM

- Eu perdi até o jeito de dançar.

BOI

- Isso não é novidade, amigos. É o fogo do Poder que lhes subiu à cabeça e fez a todos esquecer os valores próprios.

PÉ DE CAPIM

- Que fogo? Você é que é o chefe, né?

LIBERTINA

- Sim, você é que foi escolhido o chefe. A gente, não.

MATEUS

- O Boi tem razão. Ele foi escolhido, e sendo nosso amigo, todos esperamos governar com ele.

SALOIA

- Eu sei de mim que eu quero um emprego. E bom. Não aguento mais viver nessa vida de maruja, numa barca, prá cima e prá baixo. (cansada, cruza os dedos e se espreguiça).

MATEIRA

- Eu, sim. Vivendo nessa vida, apanhando graveto prá fazer comida, quando tem alguma coisa prá comer. O Boi sabe, ninguém precisa mais do que eu de um emprego (Acabrunhada)

BOI

- Que é isso, gente. Vocês são meus amigos, e não ficarão na rua. Isso, não. (Dá uma volta)

TODOS

- Ah, esse Boi é nosso amigo. O Boi é o maior chefe daqui. Se precisar de mim, diga. To aqui prá ajudar.

LIBERTINA

- (Sai dançando, na ponta dos pés, gingando, pulando, as vezes andando) Vou ser Ministra, vou ser Ministra. ...

PÉ DE CAPIM

- (Também sai dançando, como um índio) E eu quero ... Eu quero ... Eu quero... Eu quero. (Para, volta-se para Mateus, interrogativo) O que é mesmo que eu quero?

MATEUS

- Dirigir a Funai.

MATEIRA

- (Da uns pulinhos, sai do lugar, dá outros pulinhos, sacudindo os dedos) E eu? E eu? Diz Mateus, o que é que dá prá mim.

MATEUS

- Guarda florestal (Rí, com os demais)

SALOIA

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

- (Alegre, circula Mateus, várias vezes, dançando, aos requebros e ensaiando passos de balé)
Eu quero um homem, um homem.

BOI

- Bem, isso aí eu não posso resolver, não. Se fosse um Boi, tá certo.

SALOIA

- (Sacode a mão, desmunhecando) Vai, Boi ... Eu quero um emprego bom, prá arranjar um homem. Eu quero um homem ... (grita) Um homem ...

BOI

- Só era o que faltava ... (O Boi sai andando, também aos pulos, em quatro pés, até desaparecer, por trás do palco)

MATEUS

- Cadê o Boi? O Boi saiu? Eu não disse nada? Que foi que houve? E agente? E a gente?

LIBERTINA

- Não, ele saiu mas deve voltar, logo. (Procurando em volta)

PÉ DE CAPIM

- Sei não, sei não. Esse negócio do Boi desaparecer logo agora não tá bom, não. (Aborrecido)

SALOIA

- Ele nem falou no meu emprego. (Triste)

MATEUS

- Quer saber de uma coisa? Eu nunca vi Boi mandar em gente, não. É a primeira vez. (Hesitante)

PÉ DE CAPIM

- Já tinha pensado nisso ...

LIBERTINA

- Mas, gente? Paciência ...

MATEUS

- Esse Boi vai ser o cabo eleitoral do Governo.

SALOIA

- Eu vejo esperança e desespero.

MATEUS

- Imagine, uma Democracia. Democracia hoje é diferente daquela que começou na Grécia Antiga.

MATEIRA

- Pois é. Uma Democracia, tem que ser moderna.

LIBERTINA

- Gente, tenha calma. Ele não falou o que queria? Vocês não concordaram?

PÉ DE CAPIM

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Mas a gente precisa de emprego, né? Cadê quiêlê falou nos empregos da gente?

MATEIRA

- Esse Boi parece que quer dar um golpe, na gente?

LIBERTINA

- Calma, pessoal. Calma.

SALOIA

- Esse Boi é muito ambicioso. Vocês vão ver.

LIBERTINA

- Eu só acredito no administrador ambicioso. A ambição torna o dirigente obstinado, incansável e impaciente, para realizar e aparecer perante aqueles que o cercam.

MATEUS

- Essa Libertina parece que tá comendo dinheiro do Boi? Ta na folha, né? (Irritado)

LIBERTINA

- Não. Estou com o Boi porque estou certa de que o povo quer o regime capitalista. Esse é o sistema mais eficiente, não tenham dúvida.

MATEIRA

- E porque a gente não faz um matriarcado? É a vez das mulheres, não?

MATEUS

- Que matriarcado, que nada. Taí o exemplo das abelhas e das formigas. São organizadinhas, mas não progridem. Nunca as abelhas criaram um favo fora da bitola sextavada, nem as formigas inventaram um sistema mais eficiente e eficaz para suas caminhadas. Isso, não.

PAI EXÚ

- Porque não se institui um Estado religioso? Olheu aqui. (dá meia volta, num passo de bale, insinuando-se para o cargo) Os atabaques começam a tocar o ritmo da umbanda, enquanto Pai Exú começa a dançar, inicialmente contorcendo-se pulando e gingando compassadamente, e depois os demais entram na gira, obedecendo o ritual afro, enquanto cantam:

QUEM VIER PARA O TERREIRO

PISE NO CHÃO DEVAGAR

VALEI-ME NOSSA SENHORA

PROTETORA DESSE LUGAR

ESTAVA NO MEU AIÊ

PRÁ QUE MANDARAM ME VÊ

QUEM TEM PODER MANDA

QUEM NÃO TEM VAI APRENDER (Bis)

LÃ VEM ZÉ, LÁ VEM ZÉ

PISA NO MASSAPÉ E ESCORREGA

OI LÁ VEM ZÉ, LÁ VEM ZÉ DO SEU JUREMA

QUEM NÃO SABE ANDAR ESCORREGA (Bis)
ESTVA NO MEU AIÊ
PRÁ QUEM MANDARAM ME VÊ
QUEM TEM PODER MANDA
QUEM NÃO TEM VAI APRENDER (Bis)
EU PISEI NA RAMA
A RAMA ESTREMECEU
NÃO BEBA ÁGUA, MORENA
QUEM BEBER MORREU (Bis)
EXÚ DA MARAMBAIA
É HORA, É HORA
EXÚ DA MARAMBAIA
É HORA, É HORA
JÁ DEU MEIA NOITE
OS EXÚS JÁ VÃO EMBORA
JÁ DEU MEIA NOITE
O BABÁ JÁ VAI EMBORA (Bis)

A dança termina, mas o som dos atabaques continua, mais cadenciada. Pai Exú adianta-se, iniciando passos lentos da dança afro-brasileira, aumentando o ritmo, à medida em que o som vai se tornando frenético. Depois para, olha para o público, e fala. Os demais continuam dançando, inclusive o Boi, que volta à cena.

PAI EXÚ

- Agora é a minha vez. Esperei todo tempo, massacrado, humilhado, temido e criticado, mas agora chegou minha vez.

LIBERTINA

- A vez de que? (Adianta-se, e indaga) A vez de que? (espantada)

PAI EXÚ

- A minha vez de dominar o povo, pela religião

SALOIA

- (Também se aproxima) Que religião?

PAI EXÚ

- (Dança, freneticamente durante 30 segundos) A minha religião.

PÉ DE CAPIM

- A religião do Diabo? (Também se aproxima)

PAI EXÚ

- Sim, a religião do Diabo

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

MATEUS

- (Chega perto) Mas, a religião do Diabo não representa o ódio, o male a ambição?

PAI EXÚ

- Não. A necessidade da criação do Diabo surgiu a partir do momento em que se criou o Deus. Antes eram a mesma pessoa.

LIBERTINA

- Quem é Deus? (chega mais perto, apreensiva)

PAI EXÚ

- Diria que Deus é a ciência.

SALOIA

- E você?

PAI EXÚ

- Eu sou o mal santificado.

MATEUS

- O que é isso?

PAI EXÚ

- Deus e o Diabo são a mesma pessoa, e existem dentro de cada um de nós, na nossa mente.

BOI

- Como discernir, um do outro? (os demais se aproximam)

PAI EXÚ

- O Diabo é a melhor parte de nossa mente. É a poderosa força que nos impulsiona na luta contra as dificuldades e nos inspira a suspender a censura contra tudo, libertando o corpo do controle moral e da força que nos oprime.

MATEIRA

- E o Deus? (Todos apreensivos)

PAI EXÚ

- É a força que nos imobiliza, a censura implacável, a repressão e o prazer pelo sofrimento masoquista.

LIBERTINA

- Qual é a maior força? (Coloca as mãos na cabeça, protegendo-a)

PAI EXÚ

- É a força da reação, a minha força, que liberta para o consciente, e não para o inconsciente.

MATEUS

- E o bem? E o mal? Existem?

PAI EXÚ

- O bem e o mal existem, de forma circunstancial. Tanto um como o outro dependerá de uma circunstância.

BOI

- E a religião, é circunstancial?

PAI EXÚ

- A religião, para uma sociedade, é uma alucinação coletiva, uma perturbação, uma doutrina contrária ao progresso material e intelec

tual, a tirania, o sentimento de culpa que leva ao cumprimento de falsos deveres, o fanatismo, a credence, o preconceito e o receio de ações sobrenaturais.

MATEUS

- E você agora quer impor sua religião?

BOI

- Depois de considerar a religião tudo isso? Eu não concordo.

PAI EXÚ

-Claro, você é um Boi.

SALOIA

- Porque, a sua religião, e não a nossa?

PAI EXÚ

- Porque eu sou o símbolo do fogo, e o mundo começou com uma temperatura de milhões de graus, seguindo-se com uma explosão que ainda hoje afasta a grande velocidade todos os corpos, no espaço.

BOI

- Pode ter sido a força da física ...

MATEUS

- ... Ou segundo a Bíblia, " a mão do Todo-Poderoso que criou o mundo a partir da matéria informe ..."

PAI EXÚ

- Então, o todo poderoso veio do calor, da explosão, da calcinação, do fogo, do meu fogo. (atabaques tocas forte) Todos voltam a dançar, durante um minuto, o ritmo frenético da linha afro-umbandística, ao som dos atabaques, até que as posições voltam ao normal.

MATEUS

- Sabe, Boi? Há uma dissidência, aqui.

SALOIA

- Dissidência, não. Há unanimidade de pensamento em torno de nossa situação.

LIBERTINA

- Dissidência, sim, porque eu tô cum Boi até a gata miar.

BOI

- O que é que tá havendo, aqui?

MATEIRA

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Eu quero meu emprego, prá apoiar essa tua Democracia.

PÉ DE CAPIM

- Eu também, sinão eu fico cum outra idéia.

MATEUS

- Você tem que decidir agora, a situação da gente. Não se esqueça que nos somos seus amigos.

MATEUS

- (Chama o Boi num canto do palco e diz) Boi, tá quatro a um contra você.

Eu posso diminuir a diferença. Você me da um Ministério que eu fico do teu lado.

PÉ DE CAPIM

- (Arrasta o Boi para o outro canto) Boi, se você me ajudar, pode contar comigo. Eu preciso de um emprego.

SALOIA

- (Puxa o Boi para o lado oposto) O Boi, se você quiser contar comigo, tem que arranjar um negócio bom, prá mim. Num sincomode conszotos, não.

LIBERTINA

- (Arrasta o Boi para o outro lado do palco) Viu, Boi? Eu fiquei do teu lado, sem pedir nada. Agora tu vai dizer o que é que tem prá mim. Se não tiver nada, não conte comigo, não.

PAI EXÚ

- (Igualmente atrai o Boi para determinado ponto do palco) Olhe,Boi.. (cochicha na orelha do Boi durante 10 segundos)

BOI

- Meus amigos, eu apenas fui indicado pelo Senhor do Poder Supremo, Seué. Ainda não fui empossado e não posso oferecer nada prá ninguém até que assumo o cargo. (Vai saindo, devagar, sob olhares dos personagens, ate desaparecer. Nessa oportunidade todos correm para o centro do palco, a fim de dialogarem e tramarem).

LIBERTINA

- Eu sei porque o Boi quer que a gente beba da água dele, o tempo todo.

SALOIA

- Porque é?

LIBERTINA

- Prá gente virar intelectual.

PÉ DE CAPIM

- E o que é que tem a ver?

LIBERTINA

- Intelectual só gosta de miséria e se contenta com qualquer tipo de vida, exigindo apenas o direito de falar, mas o povo quer é viver bem, ter as coisas, conforto e dinheiro no bolso.

PAI EXÚ

- Então, ninguém bebe?

MATEUS

- Não. Ninguém bebe.

MATEIRA

- Esse Mateus dá um bom chefe, né?

LIBERTINA

- É mesmo.

SALOIA

- Porque Seué não indicou Mateus?

PÉ DE CAPIM

- Seilá? (abre os braços e sai de perto, dá uma volta e encosta novamente junto ao grupo)

LIBERTINA

- Porque a gente não escolhe Mateus?

MATEUS

- E pode? Seué decide tudo, e não adianta ficar contra

MATEIRA

- A gente podia dar um jeito nisso

SALOIA

- Como?

MATEIRA

- Escreve prá Seué dizendo que o Boi tem idéia subversiva, e indica o nome de Mateus que é o homem que mais se afina com as idéias de Seué

MATEUS

- Tá certo, vamos fazer isso?

PÉ DE CAPIM

- Mas, ninguém sabe escrever

MATEUS

- Eu sei, eu sei. (Apressa-se, vai até determinada parte do palco e traz lápis e papel, ansioso)

SALOIA

- Quequi você vai dizer?

MATEUS

- Eu vou dizer que eu sou admirador de Seué, que eu sempre apoiei suas iniciativas, que eu sempre elogiei seu Poder, que eu sou submisso à sua orientação, e denunciar que o Boi é subversivo, e tá pensando em tomar o poder de Seué.

LIBERTINA

- Grande

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

PÉ DE CAPIM

- Mas, quem assina?

MATEUS

- Ora, todo mundo, menos eu.

MATEIRA

- Eu não sei assinar meu nome.

MATEUS

- Eu assino por todo mundo. (Vai num canto, escrever, deixando o grupo de quatro, conversando)

LIBERTINA

- Será que vai dar certo?

SALOIA

- Deve dar, porque Seué não perdoa os subversivos, que vivem em Ladainha. Quando não mata, esfolta.

PÉ DE CAPIM

- E o que é subversivo?

MATEUS

- É aquele povo que acha tudo ruim, que reclama de tudo, que vive dizendo a todos que o Governo não faz nada.

PÉ DE CAPIM

- Ah, sim. (Balança com a cabeça, afirmativamente, dando-se por satisfeito)

MATEUS

- (Chegando, com um envelope na mão, que mostra a todos) Vamos mandar prá Seué. (Atira para cima, como um disco)

LIBERTINA

- Agora, vamos ver o que é que você tem prá gente (Alegre)

SALOIA

- É, coisa melhor do que aquele Boi poderia dar.

PÉ DE CAPIM

- É tempo da gente saber o que é que vai ganhar

MATEIRA

- Diz, Mateus. O que ê?

MATEUS

- Vou dizer, sim. Mateira tem jeito prá matas, vou botar na Agricultura; Pai Exú tá muito famoso pelo litoral, vou botar no Interior ; Libertina, como é pastora, vou botar prá pastorar as Minas e Energia; Saloia, como é do mar, vou botar na Marinha; Pé de Capim, que tem boa vontade, vai para o Serviço Social.

MATEIRA

- E você?

MATEUS

- Eu fico com o resto.

LIBERTINA

- Qual é o resto?

MATEUS

- Bem, o resto é Saúde, Educação, Finanças ...

PÉ DE CAPIM

- Peraí, Finanças não.

PÉ DE CAPIM

- Finanças você dá pra um funcionário que sabe contar dinheiro

MATEUS

- Eu sei contar dinheiro

SALOIA

- Mas, num vai ter tempo, com tanta coisa pra cuidar

MATEUS

- Não. Vou ter tempo pra tudo

PÉ DE CAPIM

- Ihh, já num tô gostando

MATEIRA

- O Boi queria dar poder ao povo, Mateus quer concentrar o poder na sua mão

LIBERTINA

- Isso, Seuê faz

MATEUS

- Mas, Seuê não dá nada a vocês, não.

PÉ DE CAPIM

- Então, faz o seguinte: Dá dois emprego pra cada um e você fica com o resto, tá certo?

LIBERTINA

- Gostei, Pé.

MATEIRA

- É isso aí.

MATEUS

- (Irritado) Vocês só prestam é na miséria, mesmo. Quando vêm uma vantagem, não agem com lucidez, só querem se beneficiar (Sai irritado do placo)

SALOIA

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Quequi vocês tão reclamando? O home tá dando tudo a vocês e ninguém tá satisfeito.

LIBERTINA

- Eu ainda prefiro o Boi

MATEIRA

- Mas, o Boi nem disse qual o emprego que dá prá gente.

PÉ DE CAPIM

- Eu troco um pelo outro, e não quero volta ...

LIBERTINA

- ... farinha do mesmo saco ...

PAI EXÚ

- Vamos fazer uma votação, prá ver quem ganha?

MATEIRA

- Vamos, vamos.

PAI EXÚ

- Quem tá cum Boi levante o dedo. (Saloia, Libertina e Mateira levantam a mão) Vocês tão tudo cum Boi (Irônico)

BOI

- (Entrando em cena) Falaram no meu nome, aí?

PAI EXÚ

- Sim, a gente tava perguntando as muié quem tava cum Boi.

BOI

- E elas?

PAI EXÚ

- Tão

BOI

- Bom, bom. Vamos fazer a nossa plataforma de Governo. Já pensei na construção de muitas escolas, de estradas, casas para todo mundo, assistência social, programas de saúde e uma perfeita política econômica que permita a distribuição de renda com o povo.

PÉ DE CAPIM

- Muito bom, mas os empregos da gente?

BOI

- Tenham calma, deixem que eu assuma o Governo

LIBERTINA

- Eu estou cansada de esperar por promessas

PÉ DE CAPIM

- E eu, também.

BOI

- Me diga uma coisa. (Dirige-se para Pé de Capim) Você quer um emprego, né? Muito bem. O que é que você sabe fazer?

PÉ DE CAPIM

- Bem, eu...eu...(fica indeciso)

BOI

- Você estudou?

PÉ DE CAPIM

- Não. Ninguém daqui estudou.

BOI

- Então, cume que vocês querem emprego?

LIBERTINA

- A gente bebe de sua água. (Adianta-se)

BOI

- Certo, certo. Mas, o aprendizado imediato não dá base para sedimentar uma cultura necessária aos que dirigem, que precisam conhecer todos os problemas com profundidade ...

SALOIA

- Ah, é, né?

PAI EXÚ

- Nesse caso, você tá pensando botar a gente prá trás, né?

BOI

- Não, meus amigos. Eu vou colocar as pessoas certas nos lugares certos

MATEIRA

- Já sei que prá mim, num vem nada

BOI

- Pode não vir o que você espera, mas vira alguma coisa

PÉ DE CAPIM

- (Desiludido, sai de perto, e anda) Num sei, não ...

LIBERTINA

- (Igualmente, sai andando, triste) Pensei outra coisa ...

SALOIA

- (Afasta-se, irritada, dando socos no ar) Esse Boi enganou todo mundo ...

MATEIRA

- (Cai sentada, mostrando-se cansada e frustrada) Eu sabia, eu sabia...

PAI EXÚ

- (Também afasta-se do Boi) E eu pensava que ele fosse amigo da gente ...

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

MATEUS

(Entrando) Que foi, gente? Que foi?

BOI

(Desolado) É a incompreensão dos amigos, que esperam demais e não se conformam com o que realmente merecem.

MATEUS

- Ora, Boi. Você é o chefe, você é quem manda. Deixa prá lá. Essas opiniões não valem nada.

BOI

- Prá mim, valem. Eu queria governar com o povo, entendendo o povo, melhorando e aumentando os padrões culturais e de renda, maso povo não entende

MATEUS

- Você deve fazer o seguinte. Deixa tudo prá lá, e resolve as coisas como você quer. Você não é o chefe?

BOI

- Se for necessário, vou fazer valer a minha autoridade, para manter o equilíbrio

MATEUS

- Isso, isso. Assim é que se fala. (Alegre) Ei, vocês (chama todos para perto) Falei com o Boi, agora, e ele vai fazer valer a sua autoridade, caso vocês não concordem com ele...

BOI

- Ora, Mateus, não foi assim, também. Eles são meus amigos.

LIBERTINA

- Ah, é assim, né?

PÉ DE CAPIM

- A gente acreditando nesse Boi, e ele tirando onda de tirano para os amigos ...

SALOIA

- Veja, só o que tava reservado prá gente...

MATEIRA

- Eu bem desconfiava ...

PAI EXÚ

- Esse Boi nunca me enganou ...

BOI

- Peraí, minha gente (Tenta apaziguar) Vocês não me entendem

MATEUS

- Eles estão entendendo até demais (Irado)

BOI

Mateus? (Admirado) Até você?

MATEUS

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

- Até eu. Boi.

BOI

- (Irritado) Já vi que vocês só sabem mesmo é viver sob a força do poder, submisso ao verbo dos demagogos e não despertam para a realidade.

MATEIRA

- Que realidade? A de desprezar os amigos?

BOI

- Não. A realidade que vem à luz. Só as novas gerações poderão mudar, com a evolução do mundo, a modificação do comportamento do povo e a sedimentação da cultura. Como está, não pode.

PAI EXÚ

- Que é que você vai fazer?

BOI

- Vou aceitar o Governo. Vou mudar tudo, vou elevar o nível desse povo, mesmo contrariando seus desejos de permanecerem como estão (Sai)

MATEUS

- Será que esse Boi tem razão?

LIBERTINA

- Tem nada.

SALOIA

- Sei não ...

MATEIRA

- Só sei que vou perder o meu emprego.

PÉ DE CAPIM

- E você tem mesmo capacidade prá assumir um emprego?

PAI EXÚ

- É preciso isso? Basta que o chefe seja amigo, prá se arranjar as coisas. Ele é um ingrato.

MATEUS

- Sabem duma coisa?

LIBERTINA

- Quando Seuê descobrir que o Boi tá com esses movimentos todo por aqui vai mandar prender a gente.

MATEIRA

- Num duvido, nada.

PÉ DE CAPIM

- Que quivocês acham?

MATEUS

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- Vocês me dão a chefia, como a gente havia combinado.

SALOIA

- Ora, quem dá a chefia é Seué (Irritada)

MATEUS

- (Tenta convencer) Mas, a gente não escreveu a Seué?

MATEIRA

- Sim, e ele vai tirar o Boi, na certa. Mas ninguém sabe quem é o novo chefe.

BOI

- (Entrando, novamente) Minha gente, decidi tudo. Vocês terão empregos, dentro da capacidade de cada um. Ninguém será desprezado, mas ninguém terá além de sua competência nenhum benefício.

MATEUS

- Faça o que quiser. Boi. (desiludido)

BOI

- A pancada do bombo vai mudar, prá vocês e prá todo mundo daqui e de longe, porque eu vou mudar as coisas, vou mobilizar o poder civil, vou despertar a consciência do povo contra o arbítrio, contra as restrições de liberdade, contra os processos elitistas que põem á margem de todas as atividades o nosso povo, considerando um rebanho de ineptos mas ninguém faz nada para reabilitar-se. Eu vou mudar.(Sai)

MATEUS

- Ele falou serio (sob o impacto)

LIBERTINA

- Que é que isso vai dar?

MATEIRA

- Coisa boa é que não ê.

PÉ DE CAPIM

- Tô começando a ficar cum medo.

SALOIA

- Faz medo, mesmo.

MATEUS

- Se a gente denunciar ...

LIBERTINA

- De novo?

PAI EXÚ

- A gente tem que fazer alguma coisa, prá não ser envolvido nessas idéias do Boi.

MATEUS

- Se Seué descobrir que a gente é amigo do Boi ...

MATEIRA

- Manda matar todo mundo

LIBERTINA

- Eu não quero morrer, não ...

PÉ DE CAPIM

- Nem eu ...

PAI EXÚ

- Então, que é que a gente faz?

MATEUS

- Só tem um jeito.

PÉ DE CAPIM

- Qualé? Diz.

PÉ DE CAPIM

- Matar o Boi. (Todos se admiram)

LIBERTINA

- Matar?

MATEUS

- Mas, quem mataria?

MATEIRA

- Matar não é comigo, não.

PAI EXÚ

- Pensando bem, até que era bom. A gente teria carne durante uma semana, prá matar a fome.

MATEUS

- Mas, quem mata?

LIBERTINA

- Eu não me meto . . .

MATEIRA

- Olha, Pai Exú não tem poderes do cão?

MATEUS

- Mesmo. Cumé que a gente faz. Pai Exú?

PAI EXÚ

- Eu tô destreinado. Nunca mais eu fiz uma maldade dessas, porque tavá gostando de vocês.

LIBERTINA

- Mas, peraí. Pai. Se você gosta da gente, então tem que tomar uma providência prá ajudar a gente. Dos males, o menor.

MATEIRA

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

- É Pai. (Se aproxima, carinhosa, alisa seus ombros)

SALOIA

- Vê o que é que faz. Pai. (Também se acerca, meiga)

As luzes se apagam, ouve-se barulho de trovões. Pai Exú dança sob o foco vermelho, em ritmo frenético ao som de atabaques. Os demais, sentados em círculo, o observam. Ele vai até um canto do palco, apanha um despacho (velas, cachaça, galinha preta, charutos) e o conduz até o centro do círculo, onde acende as velas. Novos barulhos de trovão, luzes em flash como raios e relâmpagos.

É No gancho de ferro

É miranga pra

É Pai Exú que já vai embora (Bis)

Foi ao Ló, foi ao Ló, Fourou

Foi ao Ló, foi ao Ló, Fourou

Anaruê Alarofan

Saúda Oxum quem quer (Bis)

Todos dançam, freneticamente em torno do despacho. O Boi entra sob um foco verde, entra na dança, demora-se por alguns instantes pulando ao que parece alegremente. Depois vai ficando cansado, caindo aos poucos até esparramar-se no chão, por trás do despacho. A dança continua, agora ao ritmo do Bumba-Meu-Boi, enquanto todos cantam, alegremente.

MATEUS

- Deus que lhe dê o Céu por merecimento (de mãos postas)

TODOS

- (Contritos) Amém (Param para cantar essa quadra)

O meu Boi morreu

Que será de mim (Bis)

Nó sertão não têm ô vizinha

Outro Boi assim (Bis)

Se meu Boi viver

Voando pra escola (bis)

Pra aprender a ler ô vizinha

E tocar viola (Bis)

(Entram no ritmo frenético do Bumba-Meu-Boi, dançando inclusive o baiano-sapateado e palmeado, enquanto cantam)

Do Boi o couro

Assim mesmo é

É prá quem tem ntmore

Assim mesmo é

Do Boi o mocotó
Assim mesmo é
É prá tua vó
Assim mesmo é
A tripa gaiteira
Assim mesmo é
É para Mateira
Assim mesmo é
A tripa fina
Assim mesmo é
É prá Libertina
Assim mesmo é
Do Boi a rabada
Assim mesmo é
É prá muié casada
Assim mesmo é
O figo do Boi
Assim mesmo é
É para nos dois
Assim mesmo é
Do Boi o corredor
Assim mesmo é
É prós tocador
Assim mesmo é
Do Boi a passarinha
É prá dona Chiquinha
Assim mesmo é
Um quilo de patim
Assim mesmo é
Vai prá Pé de Capim
Assim mesmo é
Do Boi o filé
Assim mesmo é
Vai para Seué
Assim mesmo é (Bis)

Rafameia, ou, Boi-de-fogo

FIM

